

UMA CASA NO BALEAL

A história deste projecto é a de um exercício de “Rossio na Betesga”, como se costuma dizer quando precisamos de encaixar uma grande quantidade de coisas num espaço muito pequeno.

Tudo começou, como sempre, com a encomenda do projecto por parte dos donos da casa, ou melhor dizendo, neste caso, “Donas da Casa” – As simpáticas e divertidíssimas irmãs Tribolet Bento -, amigas de já alguns anos e que muito estimo.

A casa antiga, que herdaram do seu Pai, que a construiu para férias, por volta de 1975, era de facto muito pequena e muito embora o espírito de Família seja fortíssimo entre as irmãs, não há duvida que a partilha do espaço se tornava por vezes um pouco complicada, mais especialmente nos meses de verão.

Por outro lado, sendo o Baleal um aglomerado urbano com fortes restrições à construção – o que é bom, na medida em que, de outra forma, se descaracterizaria completamente – não era possível alargar a área de implantação do edifício pré-existente.

O que fazer então? A solução encontrada foi subir um pouco o pé-direito da casa, sem chegar a acrescentar um primeiro andar e, com esse acréscimo de espaço, criar um sótão habitável.

Assim, foi possível libertar uma parte considerável da área do piso térreo, afecto aos quartos, para áreas de convívio – salas, cozinha, etc... mantendo apenas dois quartos e uma casa de banho neste piso e criar dois quartos, uma casa de banho e duas pequenas saletas, de carácter mais polivalente (arrumos, estar, cama suplementar, etc...) neste sótão. A iluminação e o arejamento deste novo espaço conseguiu-se quer através de janelas de sótão, quer ainda de uma ampla abertura para um terraço visitável onde, para mais, se conseguiu ganhar vista de mar (o que era também um dos objectivos do programa da renovação da casa).

Na parte mais recatada do logradouro, criou-se uma área de estar exterior, sob uma pérgola, espaço este que, com bom tempo, constitui um prolongamento natural da sala.

Além das áreas descritas há ainda espaços para arrumos e de tratamento de roupa.

Procurou-se igualmente que tudo isto acontecesse de forma perfeitamente integrada na envolvente, sem criar elementos perturbadores, respeitando o ambiente de aldeia piscatória que aqui, apesar de tudo, ainda se vive. Optamos então por uma tipologia inspirada nos modelos de arquitectura vernacular da região – quer no desenho das fachadas e dos espaços interiores, quer ainda nos materiais utilizados.

Permitimo-nos apenas uma única, pequena, “aventura” que consistiu em “abrir” ou ligar os dois níveis de espaços interiores – piso térreo e sótão -, na área da sala e da escada, de forma mais fluida, sem compartimentar, digamos assim, criando um espaço com algum sucesso, de duplo pé-direito e galeria superior aberta sobre a sala.

Vencendo este duplo pé-direito, colocou-se uma salamandra, para aquecer a casa nos dias mais invernosos, em que igualmente tão bem sabe aqui estar, repousar e gozar a pureza do ar, o mar e a calma e beleza natural deste pedaço de terra tão encantador.

José Baganha